

## RESISTÊNCIA TRAVESTI NA ESCRITA DE 'O PARQUE DAS IRMÃS MAGNÍFICAS' DE CAMILA SOSA VILLADA

**Tiago Franklin Rodrigues Lucena**

Doutor e Mestre em Artes (Arte e Tecnologia) - UNB. Professor do Mestrado em Comunicação - UEL e do curso de Comunicação e Multimeios – UEM.

Maringá – Paraná – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0154-7417>

<https://lattes.cnpq.br/7804682618173184>

[tfrlucena2@uem.br](mailto:tfrlucena2@uem.br)

**Thiago Koiti Kikuchi**

Mestrando em Ciências da Saúde – UEM. Graduado em Medicina - UFSM.

Residência médica em psiquiatria pelo Hospital Regional de Presidente

Prudente - SP. Docente do curso de Medicina – UEM.

Maringá – Paraná – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-3008-4343>

<http://lattes.cnpq.br/5534263209793334>

[drthiagokikuchi@gmail.com](mailto:drthiagokikuchi@gmail.com)

**Resenha de:**

VILLADA, Camila Sosa. **O parque das irmãs magníficas**. São Paulo: Planeta/Tusquets, 2021 ISBN 978-6555354027

**RESUMO:** A resenha apresenta o livro "*O Parque das Irmãs Magníficas*" (2021) de Camila Sosa Villada, travesti e escritora argentina. Trata-se de uma autobiografia ficcional que mistura realismo mágico e crítica social, retratando a vida marginalizada de travestis e prostitutas na Argentina. O texto explora temas como violência, exclusão, saúde mental e afeto entre as personagens. O livro apresenta tom de denúncia e resistência, colocando Villada como uma voz contrária ao desmonte de políticas públicas voltadas para minorias. Podemos colocar essa produção como essencial no contexto contemporâneo na qual diversos movimentos conservadores de governos e até políticas de inclusão de empresas do Vale do Silício estão sendo minados. A publicação foi premiada e traduzida para várias línguas. A autora usa a escrita como forma de sobrevivência e resistência, denunciando a hipocrisia de uma sociedade que marginaliza e violenta pessoas trans. Por fim, a resenha também menciona outras obras da autora, que ajudaram a consolidar seu nome na literatura e no teatro como uma voz potente contra a opressão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Travesti. Conservadorismo. Transfobia.

**RESENHA:**

Uma espécie de cruzada anti-Woke se levantou nos últimos anos. A palavra Woke, derivada de “*stay woke*”, significa algo que soa como *esteja acordado, desperto e atento*, principalmente para as questões relativas à justiça social e racial. O termo vem da luta política e racial afro-americana e passou a ser associada às políticas identitárias e mais progressistas. O movimento anti-woke emergiu então nos discursos inflamados de políticos, influenciadores e de outras personalidades públicas principalmente no campo de batalha das redes sociais online.

O movimento de “como ser um bom conversador” reacendeu nos últimos anos através de sua personificação em figuras de populistas de direita valendo-se de uma engenharia do caos fomentada por algoritmos de direcionamento de conteúdo. Os reflexos dessa cruzada já encontram adeptos no Vale do Silício. Em fevereiro de 2025, a empresa Google anunciou o fim de suas metas de contratação com foco em diversidade, quando cinco anos antes havia decidido por ampliar em 30% a “representação em cargos de liderança de grupos sub-representados” (G1 REDAÇÃO, 2025b). A decisão foi seguida logo após a empresa Meta, responsável pelo Facebook, Instagram e WhatsApp, que recuou com medida semelhante (G1 REDAÇÃO, 2025a). Ícones, bandeiras e outros símbolos de identidades de gênero passaram a sumir das redes sociais on-line, de campanhas, a serem proibidas em órgãos públicos nos EUA e, como consequência mais grave, políticas públicas dedicadas às minorias raciais e de gênero passaram a ser implodidas. A dificuldade de acessar direitos básicos e a falta de políticas públicas focadas nessa população ressoa como uma trombeta do apocalipse para milhares de indivíduos. Recentemente, o presidente argentino e ultra-direitista Javier Milei anunciou um decreto determinando que as pessoas presas naquele país sejam mantidas em cadeias de acordo com o sexo biológico registrado no momento do crime. Na prática, isso vai mudar o tratamento e o destino prisional de pessoas trans (FP STAFF, 2025). Em entrevista recente sobre o tema, o professor de direito da UNIFESP Renan Quinallha identificou uma ofensiva governamental contra as questões de gênero. Para ele: “A extrema direita usa pessoas trans como espantalho moral” (MONTANINI, 2025). Assim, uma espécie de era neomedieval ressurgiu no horizonte, em nome de Deus, da Pátria e da Família, repete-se uma identificação persecutória em busca de “bruxas”, a fim de condená-las a novas formas de fogueiras de significado simbólico múltiplo, quando não realmente literal, acusadas de ameaçar ruir os alicerces desta “Santa Trindade”.

Apesar de perseguidas, muitas dessas “bruxas” erguem seus corpos, vozes e arte, como tem feito a escritora e atriz argentina Camila Sosa Villada, artista cuja existência é uma afronta especialmente por ser travesti. Sua obra “**O Parque das Irmãs Magníficas**” (VILLADA, 2021), escrito em 2019 e lançado em português em 2021 pela editora Planeta, merece ser contextualizada nesse momento, porque pode

rapidamente se tornar um livro proibido por estar repleto de “poções mágicas” que fariam qualquer conservador se engasgar com uma alquimia de verdades. Como ela mesmo diz em outro livro: *“é assim: basta uma travesti. Uma única travesti é suficiente para revirar a vida de um homem, de uma família, de uma instituição.”*

Ela será a primeira a ir para a fogueira na nova *Kristallnacht* – noite dos cristais. Basta uma travesti *“escrever”* para termos um dos livros mais interessantes dos últimos anos, confirmado por uma série de premiações e edições em diversas outras línguas. Mereceu inclusive um artigo por Amanda Netto Brum e Márcia Letícia Gomes no Congresso do Conpedi – Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito em 2022 (BRUM; GOMES, 2022). Na versão traduzida para o português, trabalho de Joca Reiners Terron, mantém-se o título dado a edições que circularam mais globalmente. Mas é importante destacar que o título original é *“las malas”* – as meninas más. Sem dúvida, *“bruxas malévolas”*.

Trata-se de uma autobiografia ficcional que flerta com o gênero do realismo mágico, tão caro à literatura latino-americana. Nela, acompanhamos a história de vida da própria autora, que nasceu em La Falda, cidade pequena localizada a uns 800km de Buenos Aires, e que vai estudar na cidade de Córdoba, onde reforça seus poderes de seduzir com as palavras, trabalhando com teatro e escrevendo livros. Retrospectivamente, nos é apresentado em alguns trechos a sua infância com lampejos literários que nos fazem imaginar as situações que um rapaz vestido de mulher vivenciou numa cidade pequena como aquela.

Ao chegar na universidade, na cidade maior, decide ir ao parque Sarmiento. Estava com medo, assombrada por uma profecia de seu pai ecoando na sua cabeça de que *“um dia vão bater nessa porta para me avisar que te encontraram morta, jogada numa vala”*. Mas nesse local, além dos perigos previstos e anunciados a todas as mulheres de rua, também encontra e conhece as famosas travestis, que a acolhem e a fazem, quase pela primeira vez na vida, se sentir pertencente a um grupo. Ela finalmente encontra seu destino: *Tenho a determinação de não virar prostituta, acho que posso conseguir e não acabar como todas. Mas também me pergunto quem sou eu para não acatar o destino que todas acatam.* Tentando ganhar a vida em bares, ela já suporta as grosserias do público, *“... as passadas de mão desrespeitosas, o pagamento miserável, tudo para não me converter num clichê. Quero ser estupidamente única, mas a verdade é que meu corpo já começou a se vender, já está na vitrine: artigo mais ou menos desejável, dependendo do cliente.”*

Aqui, o que interessa é a possibilidade contemporânea de ler um livro de uma pessoa trans latino-americana descrevendo como é ser prostituta, e quase por consequência, pobre, na Argentina: *“Quando comecei a me travestir, sentia vergonha da minha barba áspera, meu nariz torto, meus dentes tortos. Sentia vergonha de minha falta de estudos, minha falta de visão de mundo, minhas dificuldades em me expressar. Até minhas virtudes me envergonhavam, porque nasceram dos meus erros, das minhas carências.”* Não se

trata só de um bom exercício para a representatividade, ou seja, de se deixar levar pela narrativa de uma história através dos olhos e mãos daquelas que estão à margem da sociedade. Mas também é um delicioso exercício literário, uma experiência estética de uma leitura que nos transporta para um mundo tragi-mágico de um parque onde travestis e mulheres se prostituem durante a noite. Essas mulheres estão à margem, porque, como demonstra Camila, a sociedade assim acha conveniente, para que continue a se aproveitar mais do seu consumo. O consumo da carne de uma travesti, que também é uma das mais baratas do mercado, precisa ser no escuro, afastado dos bairros residenciais “de família”. Durante o dia, o parque acolhe os cachorros, as madames, os casais. À noite, as travestis correm com os saltos, por vezes bêbadas ou drogadas para a casa antes que o feitiço acabe. Não podem ser vistas de dia após noites geladas na Argentina porque podem virar adubos para abóboras: *“viver de noite envelhece, entristece”* porque *“existem coisas que não podem acontecer à luz do dia.”*

Para além dos elementos de violência que infelizmente são comuns no cotidiano da vida dessas mulheres (in)visíveis, o que lemos são irmandades que emergem dessa relação, onde há cuidado e afeto, cujas existências resistem ao meio repleto de desprezo que as cercam. Uma personagem acolhe uma criança abandonada, que então é “batizada” como *“el brillo de los Ojos” – Brilho nos Olhos*”, uma forma mais que poética de dar nome a uma criança abandonada num parque escuro. A criança, que é colocada nessa “manjedoura” improvável, movimenta a narrativa, mas não chegamos a acompanhar sua crucificação, porque a história acaba antes de ele completar 33 anos. Afinal, ele é filho de uma mãe que não o concebeu, tal qual Maria que recebeu seu filho como um presente divino. O útero aqui foi o próprio parque que o concebeu e o alimentou: *“De sua poltrona, com o Brilho nos braços, Tia Encarna chorava. ‘Também te pari’ parecia sussurrar à sua cria, ‘só que por um caminho de galhos e de sangue. Quando te trouxe ao mundo, eu também gritei de dor’.* O maior medo daquela personagem que representa uma figura materna para todas as travestis e prostitutas é justamente saber que a sociedade não vai aceitá-la como mãe da criança, que um espírito divino deu o filho a ela ao achá-lo jogado no parque. Seu nome: Encarna, que é também uma das mais abençoadas entre todas por ser mais velha, *“tinha cento e setenta e oito anos...”*, um recurso mágico para falar de uma sobrevivente, inclusive do período de ditadura militar, num grupo que tem uma expectativa média de vida de 35 anos, segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2025). A Tia Encarna tem a pensão *“que acolheu tantas travestis, escondeu, protegeu, asilou em momentos de desespero. Vão para lá porque sabem que não poderiam estar mais a salvo em nenhum outro lugar”.*

No hall de estrelas do parque Sarmiento temos outras personagens memoráveis que disparam oportunidades narrativas únicas. Há uma espécie de feiticeira, que se vale da “magia” para curar as amigas; uma muda e uma outra que parece mais depressiva e melancólica. Personagens que viram passarinhos.

Algumas delas são mais “sortudas” e cumprem um papel que historicamente é delegado para as mulheres. Até porque, por muito tempo as mulheres pobres estavam fadadas ao casamento ou ao meretrício. No conto de fadas, raros casos das travestis que são “domesticadas”, se casam com os namorados e vivem felizes, do jeito que são. Esse é um sumiço desejado. Mas outras tantas, milhares, desaparecem, somem e não são contabilizadas pelo Estado. Não são esquecidas, porque jamais foram lembradas. Não alimentam estatísticas, porque não foram contabilizadas. *“O propósito é fazermos pagar até o último grama de vida em nosso corpo. Não querem que nenhuma de nós sobreviva. Uma foi assassinada a pedradas. Outra foi queimada viva, como uma bruxa: encharcaram-na de gasolina e tacaram fogo, no acostamento da rodovia. Acontece mais e mais desaparecimentos. Existe um monstro lá fora, um monstro que se alimenta de travestis.”* A depender da situação em que seus corpos são publicamente achados, viram notícia com a reprodução de estereótipos e violências que sempre as perseguem: *“Toda vez que os jornais anunciam um novo crime, os miseráveis dão o nome masculino da vítima. Dizem “os travestis”, “o travesti”, tudo é parte da condenação.”*

O Brasil lidera o ranking mundial de assassinatos de pessoas trans e travestis, segundo relatório internacional do *Trans Murder Monitoring (TMM)* - (TRANSGENDER EUROPE TGEU, 2025). No Mapa criado e divulgado pela entidade, nosso país aparece como o mais assolado pela peste do ódio. Podemos dizer que Camila Villada ainda teve uma “certa sorte” de ter nascido na Argentina – se fosse brasileira talvez não estivesse ainda lançando livros. Ela se descreve como bixa magrinha e pobre, narrando os movimentos para se mudar de cidade e estudar numa universidade. Foi se convertendo em mulher “... ‘por pura necessidade’. *Aquela infância de violência, um pai que por qualquer desculpa arremessava o que tivesse por perto, tirava o cinto e castigava, enfurecia-se e batia na matéria todas ao redor: esposa, filho, matéria, cão. Aquele animal feroz, meu fantasma, meu pesadelo: tudo era horrível demais para eu querer ser homem. Não podia ser um homem naquele mundo.”*

O livro subverte a lógica dos contos de fadas—não há redenção. É um rito de iniciação sem fim, pois o trauma inicial é tão brutal que jamais se torna algo suportável. Na sua história, a figura da megera madrasta é encarnada pelo próprio pai: *“Não teve polícia, nem clientes, nem crueldades que me atemorizaram mais que meu pai. Em honra à verdade, acredito que ele também sentia um medo pavoroso de mim. É possível que aí seja gestado o pranto das travestis: no terror mútuo entre o pai e sua cria travesti”.*

O que começa como um relato de formação, um *Bildungsroman* travesti, se transforma rapidamente em um horror etnográfico, descrevendo a experiência de existir sem deslumbramentos. É um livro que nos desestabiliza, pois traz ternura e tortura na mesma página. Gatilhos emergem da forma crua como ela descreve algumas experiências profissionais e sexuais. Não saímos ilesos de algumas narrações de sexo. A autora é uma bruxa das palavras, confundindo as fronteiras entre o real e o mágico. A sedução do texto é lasciva e incômoda, mas sem espaço para as lágrimas fáceis de uma telenovela mexicana. A protagonista

aprendeu cedo a lidar com o choro, diferente de Maria do Bairro, que foi jovem catadora de lixo, bonita e rapidamente ajudada pelo padre a conseguir trabalho para ela na casa de um milionário. Nossa travesti não vai ser ajudada por padres, seu corpo é oferecido ao milionário que para o carro e a faz entrar à noite. Com essa “sorte”, ela consegue às vezes ser bem paga e sobreviver por mais um mês. *“Na minha casa e com um pai como o meu, era proibido chorar. Podia-se ficar em silêncio, descontar a raiva enquanto se rachava lenha, sair na porrada com outros meninos do bairro, dar murro nas paredes, mas chorar nunca. E, menos ainda, chorar de medo. De maneira que aprendi a chorar em silêncio, no banheiro, no meu quarto, a caminho do colégio. Meu uso particular daquilo que só era permitido às mulheres. Chorar. Regozijava-me naquele pranto, permitia-me ser a protagonista do meu melodrama”*.

Além de *O Parque das Irmãs Magníficas*, Camila Sosa Villada também publicou *Sou uma tola por te querer* (2022), um livro de contos sobre diversas experiências travestis. Em 2024, lançou *A namorada do Sandro* (VILLADA, 2024a) e *Tese sobre uma domesticação* (VILLADA, 2024b), que já ganhou adaptação cinematográfica dirigida por Javier van de Couter. No mesmo ano, publicou *A viagem inútil: Trans/escrita* (2024), consolidando seu espaço na literatura e no teatro.

É nessa última publicação listada que Villada desabafa sobre seu recurso da escrita: *“meu primeiro ato oficial de travestismo não foi sair a rua vestida de mulher, como todas costumam fazer. Meu primeiro ato de travestismo foi pela escrita”*. Ela narra uma história que criou sendo uma menina que se apaixona pelo seu professor de educação física, um romance que *“pela primeira vez eu falava de mim como uma mulher”*. Só podemos imaginar o quanto o recurso de recorrer à literatura deu à existência da mulher trans Camila Villada uma oportunidade para sobreviver. Villada lembra que Lacan, terapeuta de James Joyce, o tratou como objeto de estudo em seu *Seminário 23: O Sinthoma*, livro que o psicanalista demonstra que o autor usou a escrita para se livrar da própria psicose. A escrita de Villada a redime de seus pecados e a livra da fogueira, do suicídio e do assassinato, desfechos a que a maioria de suas iguais estão invariavelmente fadadas: *“eu teria me matado sem a escrita”*. Por fim, seus escritos mostram grande potência e maestria, porque é sua via de redenção em relação aos crimes de que ela, travesti, é acusada pela sociedade conservadora. E, ao mesmo tempo, e em direção oposta, escancara a atitude paradoxal e hipócrita de tal sociedade e devolve a ela o real e maior crime pela qual é responsável, a morte do próximo. Afinal, vale a pena lembrar que a justiça divina não é cega e que seu duro código penal vale para todos. Portanto, lembremos todos: o quinto mandamento encravado na tábua de moisés indica explicitamente a diretriz de como ser um bom cidadão conservador: *“Não Matarás!”*.

## REFERÊNCIAS

ANTRA. **Associação Nacional de Travestis e Transexuais – A Maior Rede de Pessoas Trans do Brasil.** Disponível em: <<https://antrabrasil.org/>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

BRUM, A. N.; GOMES, M. L. **O Parque das irmãs magníficas: da interdição à emancipação dos corpos travestis.** (M. R. Staffen, R. V. V. Boas, Renato Duro Dias, Eds.)XXIX Congresso Nacional do Conpedi - Constitucionalismo, Desenvolvimento, Sustentabilidade e Smart Cities. **Anais...**Florianópolis- SC: Conpedi, 2022Disponível em: <<http://site.conpedi.org.br/publicacoes/906terzx/bc17x09f/W003QqAPDc9W3Gf9.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2025

FP STAFF. **Argentina: Milei bans gender-change treatments for minors, restricts housing transwomen in women’s prisons** . Disponível em: <<https://www.firstpost.com/world/argentina-milei-bans-gender-change-treatments-for-minors-restricts-housing-transwomen-in-womens-prisons-13860098.html>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

G1 REDAÇÃO. **Meta, dona de Facebook e Instagram, encerra programa interno de diversidade e inclusão.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/01/13/meta-dona-de-facebook-e-instagram-encerra-programa-interno-de-diversidade-e-inclusao.ghtml>>. Acesso em: 12 fev. 2025a.

G1 REDAÇÃO. **Google acaba com metas de contratação por diversidade, diz jornal.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/02/05/google-acaba-com-metas-de-contratacao-por-diversidade-diz-jornal.ghtml>>. Acesso em: 12 fev. 2025b.

MONTANINI, M. **‘Extrema direita usa pessoas trans como espantalho moral’ : Professor de direito da Unifesp, Renan Quinalha avaliou ao ‘Nexo’ a ofensiva dos governos dos Estados Unidos e da Argentina contra as questões de gênero.** Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2025/02/07/extrema-direita-contra-populacao-trans-entrevista-renan-quinalha>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

TRANSGENDER EUROPE TGEU. **TGEU’s Trans Murder Monitoring systematically monitors, collects, and analyses reports of murders of trans and gender diverse people globally.** Disponível em: <<https://www.tgeu.org/trans-murder-monitoring/>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

VILLADA, C. S. **O parque das irmãs magníficas.** São Paulo: Planeta/Tusquets, 2021.

VILLADA, C. S. **Sou uma tola por te querer.** São Paulo: Planeta/Tusquets, 2022.

VILLADA, C. S. **A namorada de Sandro.** São Paulo - SP: Planeta/Tusquets, 2024a.

VILLADA, C. S. **Tese sobre uma domesticação.** São Paulo: Companhia das Letras, 2024b.

VILLADA, C. S. **A viagem inútil: trans/escrita.** São Paulo: Fósforo, 2024c.

**TRANS RESISTANCE IN THE WRITING OF 'BAD GIRLS' BY CAMILA SOSA VILLADA**

**ABSTRACT:** The review presents the book "*Bad Girls*" (2022), which in the Brazilian edition was adapted to the title "*O Parque das Irmãs Magníficas*" (2021), by Camila Sosa Villada, an Argentine transgender writer. It is a fictional autobiography that blends magical realism and social critique, portraying the marginalized lives of transgender women and prostitutes in Argentina. The text explores themes such as violence, exclusion, mental health, and affection among the characters. The book carries a tone of denunciation and resistance, positioning Villada as a voice against the dismantling of public policies aimed at minorities. This work can be considered essential in the contemporary context, where various conservative movements in governments and even inclusion policies from Silicon Valley companies are being undermined. The publication has been awarded and translated into multiple languages. The author uses writing as a means of survival and resistance, exposing the hypocrisy of a society that marginalizes and violates transgender individuals. Finally, the review also mentions other works by the author, which have helped solidify her name in literature and theater as a powerful voice against oppression.

**KEYWORDS:** Trans woman. Conservatism. Transphobia.

**RESISTENCIA TRAVESTI EN LA ESCRITURA DE 'LAS MALAS' DE CAMILA SOSA VILLADA**

**RESUMEN:** La reseña presenta el libro "*Las Malas*" (2019), que en la edición brasileña fue adaptado al título "*O Parque das Irmãs Magníficas*" (2021), de Camila Sosa Villada, escritora travesti argentina. El texto explora temas como la violencia, la exclusión, la salud mental y el afecto entre los personajes. El libro adopta un tono de denuncia y resistencia, posicionando a Villada como una voz en contra del desmantelamiento de políticas públicas dirigidas a las minorías. Podemos considerar esta obra como esencial en el contexto contemporáneo, en el que diversos movimientos conservadores en los gobiernos e incluso políticas de inclusión de empresas de Silicon Valley están siendo socavadas. La publicación ha sido premiada y traducida a varios idiomas. La autora utiliza la escritura como una forma de supervivencia y resistencia, denunciando la hipocresía de una sociedad que margina y violenta a las personas trans. Finalmente, la reseña también menciona otras obras de la autora, que han contribuido a consolidar su nombre en la literatura y el teatro como una voz potente contra la opresión.

**PALABRAS CLAVE:** Travesti. Conservadurismo. Transfobia.